

O Almanaque do Ceará no Estado Novo: a contribuição de Antônio Sales para a crítica cultural.¹

Vinicius FERREIRA Ribeiro Cordão²

Criselides Ferreira LIMA³

Thiago Coelho SILVERIRA⁴

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Por meio desse artigo pretendemos, ainda que de forma inicial, estabelecer a relação existente entre os Almanques e o surgimento do Jornalismo Cultural brasileiro, para a consecução da proposta utilizaremos como objeto de análise o Almanaque do Ceará e sua seção literária publicada durante o período do Estado Novo nesse processo destacaram a produção do literato Antônio Sales.

PALAVRAS-CHAVE: Almanaque; História da Mídia; Crítica Cultural; Literatura; Antônio Sales.

Introdução

O campo da Comunicação brasileiro, em sua esfera acadêmica, ainda é marcado pelo “presentismo” como indica a professora Ana Paula Goulart Ribeiro e Michel Herschmann (2008, p. 13-14), “a maioria das pesquisas realizadas no país privilegiam aspectos e problemas relacionados à contemporaneidade: estudos sobre pós-modernidade, globalização, novas tecnologias, etc.”. Nesse processo a história da mídia, seus contextos e personagens são colocados à margem do foco analítico.

Entretendo podemos notar nos últimos anos, um interesse por temas históricos da Comunicação, compreendemos essa tendência como uma tentativa de fortalecimento da

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFPI, pesquisador no NUJOC- Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação- e bolsista Iniciação Científica Voluntária da referida instituição de ensino superior, email: viniciusf.c@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFCE, email: crisf_lima@hotmail.com

⁴ Graduando em História pela Universidade Estadual do Piauí, Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Educação Montenegro, Mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí, e professor do IFPI. Orientador do trabalho, email: silveiratv@hotmail.com

identidade do campo, como afirma o historiador francês Pierre Nora (1993 p.17) “não somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar o seu passado enterrado. Todos os corpos, intelectuais ou não, sábios ou não (...) sentem a necessidade de ir em busca da sua própria constituição, de encontrar suas origens” (NORA,1993 p.17).

Nessa perspectiva, com o intuito de preencher as lacunas da história midiática nacional voltamos nosso olhar para a história dos Almanques em especial para o *Almanaque do Ceará* com o objetivo de perceber como se estabeleceu a cultura do gênero no estado, e de que forma a publicação em particular forjou os primeiros traços de um jornalismo cultural crítico, em uma imprensa local ainda atrelada eminentemente aos acontecimentos políticos e econômicos, destacando nesse processo o papel do literato Antônio Sales.

Nosso recorte de amostragem se refere aos 10 exemplares do *Almanaque do Ceará* lançados na década de 1930, como metodologia tomaremos como base a análise de conteúdo a partir da estratégia do emparelhamento, o que “[...] consiste em associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los” (LAVILLE& DIONE, 1999, p. 227).

O Almanaque e a Cultura

O almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía. Assim toda terra possuiu no mesmo instante, os primeiros almanques [...] Todos tinham almanques. Nem só elas, mais também as matronas e os velhos e os rapazes, juízes, sacerdotes, comerciantes, governadores, fâmulos, era moda trazer o almanaque na algibeira (ASSIS, 2001, p. 26-27).

Os Almanques enquanto veículo de comunicação tem uma origem remota que antecede aos tipos moveis de Gutenberg, importados do Oriente para o Ocidente no final da Idade Média, o exemplar mais antigo já encontrado foi publicado no Egito Antigo no século XIII a.C. , segundo Correira e Guerreiro (1986) foi por meio de astrólogos árabes que o suporte chegou a Europa, nessa fase inicial com uma formatação e conteúdo ligado diretamente ao calendário.

Os Almanques chegam ao Brasil inicialmente através de importações contrabandeadas da Europa, já que a Coroa Portuguesa proibia a circulação de periódicos na colônia, entretanto coma chegada da Família Real e a instalação da Imprensa Régia, em 1808, observa-se o surgimento de uma imprensa nacional com o lançamento dos primeiros jornais e a instalação das tipografias particulares.

O *Almanaque para a cidade da Bahia* lançado em 1812 na tipografia de Antonio Silva Serva é considerado por Parker (1999) o primeiro exemplar do gênero produzido em solo brasileiro, seguindo as características europeias o almanaque em questão, assim como os demais lançados nesse momento da história, tem a função de calendário, informando os feriados e dias comemorativos, para Casa Nova (1996) com o desenvolvimento da imprensa os almanques passam abordar outras temáticas como saúde, trabalho, ciência, comercio, cultura e astrologia dando inicio ao que hoje conhecemos como Almanaque de Farmácia, Almanaque de Cidade, Almanaque de Cordel entre outros.

A literatura popular de divulgação acolhe e difunde os almanques. Ilustrado com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem pouco lê. Reúne e oferece um saber para todos: astronômicos, como os eclipses e as fases da lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos, que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre os trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico, com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas dos correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e, finalmente, astrológicos (LE GOFF, 2003, p. 518)

Com sua nova formatação o Almanaque assume um papel de destaque entre os veículos de comunicação publicados no final do século XIX e inicio do século XX, o suporte torna-se o responsável para levar ao povo informações básicas, já que o jornal estava atrelado às questões políticas e econômicas e os livros eram caros e de difícil acesso.

O sucesso de público dos Almanques pode ser creditado há dois fatores, o econômico já que “eram utilizados papeis de baixa qualidade assim como um grande numero de anúncios que custeavam parte significativa dos custos com a produção” (FERREIRA, 2011, p. 13) possibilitando que os exemplares fossem distribuídos gratuitamente, como no caso dos Almanques de Farmácia, ou comercializados com valores acessíveis as camadas populares.

O segundo fator está relacionado a composição textual elaborada por meio de uma diagramação centrada no mix texto-imagem que possibilitou o almanaque atingir não só a elite mais também os iletrados. Como aponta José Marques de Melo (1973) às altas taxas de analfabetismo no Brasil por muitas décadas foram um entrave para o desenvolvimento da imprensa nacional, durante o Império a taxa de alfabetização nacional era de 3%, nesse contexto enquanto os jornais circulavam basicamente com textos os almanaques eram repletos de imagens que representavam os pequenos textos publicados.

Esse veículo de comunicação vai ser responsável pela popularização do saber, em épocas que o conhecimento era restrito a pequenos grupos de privilegiados, tornando-se um livro acessível as classes populares e levando informações sobre os mais variados temas, como uma espécie de enciclopédia popular. Mesmo havendo um grande índice de analfabetismo, devido a sua riqueza de imagens o almanaque dirige-se também à aqueles que apenas não podem ler, mas podem ouvir histórias ou seja o de comunicação oral. No nordeste brasileiro, é conhecido como livro dos iletrados (ARAGÃO, 2006, p.13).

Os almanaques também adotaram como estratégia para agregar um número cada vez maior de leitores um conteúdo de “variedades”, a cultura passa então a ganhar cada vez mais espaço por meio de provérbios, anedotas, caricaturas, poemas e contos. Conforme analisa Cruz (2000, p. 84) gradativamente “conteúdos lúdicos e de entretenimento” ocupavam o espaço de informações voltadas para o comércio local e informações gerais.

Dessa forma como afirma Costa (2007, p. 2) “nota-se que a produção jornalística cultural contemporânea possui influências das “variedades” veiculadas por espaços/produtos populares como os almanaques”.

Almanaque no Ceará

Os almanaques são considerados a primeira leitura de massa de grande circulação no Ocidente e, no Brasil, se tornaram importantes fontes de acesso à leitura. Para Nelson Werneck Sodré (1966 p.277), o gênero almanaque no Brasil, “era o livro de um país que não tinha ainda público para suportar a impressão de livros” Além disso, tais periódicos ajudaram a integrar o país, pois, os almanaques alcançavam desde os sertões e lugares menos povoados até as cidades, transitando entre todas as classes sociais:

No caso do Brasil, pode-se mesmo falar no aspecto civilizador dos almanaques, do que representam chegando aos mais distantes sertões, aos povoados mais afastados, e mesmo nas cidades, numa integração de domínios rurais e urbanos,

transitando entre classes sociais, exercendo a aproximação afetiva de repertórios (FERREIRA, 2001, p.20)

No Ceará, ocorreram algumas tentativas sem sucesso de se lançar um almanaque originado do estado. O primeiro almanaque produzido no localmente se deu na segunda metade do século XIX, em 1870, com o *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará*, dirigido por Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, porém só dois números foram lançados. Tratava-se de um almanaque de natureza oficial, sem seções de entretenimento. Começava com o calendário para o ano que se iniciava, informava os santos do dia, as celebrações da igreja, festas religiosas, eclipses e focava nas informações sobre a administração do Ceará, com nomes e endereços institucionais.

A segunda tentativa se deu pelo jornal *O Cearense* que, em 1883, lançou o *Almanaque do Cearense*. Ele tinha dimensões reduzidas e era, provavelmente, de distribuição gratuita. Seu conteúdo se resumia ao calendário, anúncios publicitários, dados cronológicos e anedotas. Em 1888, houve outra tentativa de fundar um almanaque cearense, com o *Almanaque da Província do Ceará*, impresso na Tipografia do Libertador e organizado por Alfredo Bomilcar, contudo o periódico não passou da primeira edição.

O Ceará precisava de um almanaque que gerasse informação e entretenimento baseado em acontecimentos do próprio estado, os cearenses precisavam se enxergar nesse periódico não só como brasileiros, mas como membros do Nordeste e do Ceará. Para isso, era necessário um almanaque cearense que conseguisse se manter no mercado. Realidade concretizada pelo jornalista João Eduardo Torres Câmara que, em 1895, lançou o *Almanaque da Cidade de Fortaleza*, o qual, a partir do ano seguinte, passou a ser o *Almanaque Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará*, ou simplesmente *Almanaque do Ceará*.

Essa mudança de nome deve-se à ampliação de sua abrangência. O almanaque passou a circular em todo o Estado, sendo a parte mercantil e industrial organizada de acordo com as informações vindas da Recebedoria do Estado; já a parte administrativa advinda das informações recebidas pelas repartições federais e estaduais. Com o acréscimo de dados estatísticos, o *Almanaque do Ceará* passou então a ser mais valorizado e fazer parte da vida do cearense. Ele teve uma existência de 65 anos sendo o mais duradouro do gênero no Estado.

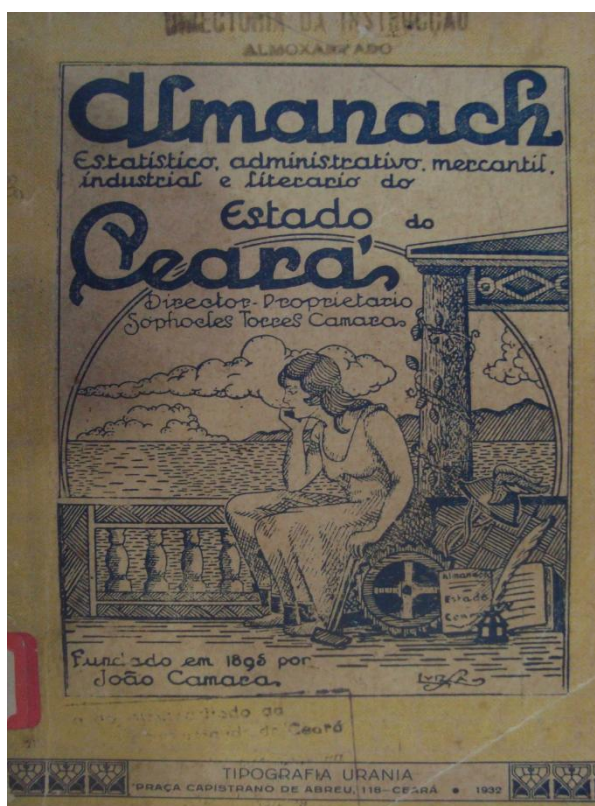


Figura 1- *Almanaque do Ceará*, Ano 1896, Capa.

Fonte: Arquivo Público do Ceará

O Almanaque do Ceará enquadra-se no perfil dos almanaques de cidade, os quais eram comuns em diversos estados brasileiros no final do século XIX e início do século XX. Esses almanaques faziam referências à vida de seus respectivos estados, apresentavam os municípios e suas características mais positivas, também valorizavam muito as instituições, dados oficiais e personalidades da época como políticos, médicos e escritores da região na qual o almanaque era produzido.

Além de trazerem anualmente sessões típicas do gênero, como o calendário, computo eclesiástico, cronologias, eles tinham o foco nas informações locais, sobre o comércio, agricultura, indústrias, horários de estradas de ferro, valores das correspondências, profissões, endereços, formando um grande inventário da vida urbana. Num mudar de páginas do Almanach do Ceará, sabe-se a quantidade de café, rapadura, feijão e aguardente consumida no Ceará de 1894. São dois os hotéis, sete as hospedarias e duas casas de bilhar. Sabe-se das 54

mulheres confinadas entre os “93 loucos” do Asylo de alienados de Porangaba, longe das famílias e comércios do Centro. A matéria é reveladora de práticas coletivas e sociabilidades de um tempo, registrando e também formando memórias urbanas. (DIAS, sd, p.9)

O *Almanaque do Ceará* foi dirigido por João Câmara até 1906, quando faleceu, a partir daí a direção ficou a cargo de seu filho, Sófocles Torres Câmara, até o ano de 1931. João Câmara fundou o periódico com o objetivo de transmitir informações comerciais, administrativas e industriais e, a partir do terceiro número, em 1897, visando ampliar ainda mais seu alcance de público, a literatura foi integrada às páginas do almanaque. Para isso, a edição contou com a colaboração de literatos cearenses da época como José Carvalho, Mario Linhares, Epifanio Leite, Filgueiras Lima.

A seção literária, com suas prosas e poesias, proporcionou mais leveza ao *Almanaque do Ceará*. Além disso, houve também a incorporação das charadas, anedotas, anúncios de humor e críticas literárias, atraindo um maior número de público, que passou a ter a possibilidade de contribuir com o processo de formação do periódico. Por exemplo, com essa seção cultural, os leitores passaram a escrever mais à edição do almanaque, enviando materiais como charadas, anedotas e poesias, para serem publicados.

O Almanaque do Ceará conquistou um público cativo, o qual sabia que, a cada novo ano, teriam contato com novas prosas, poesias e anedotas produzidas pelos literatos cearenses. Essas publicações contribuíram para o hábito da leitura, do raciocínio, da interpretação por longos 62 anos, foi uma primorosa contribuição, visto que se deu em um estado no qual as pessoas não tinham o costume de consumir livros.

No restante desse presente artigo, será analisada a contribuição da seção literária para o Almanaque do Ceará, devido a sua importância dentro do periódico na época e por ser um rascunho do que hoje nós chamamos de jornalismo cultural ou literário. Para fins de melhor análise do objeto, faz-se necessário um recorte temporal que se restringirá à década de 30, período em que o país passou por profundas mudanças políticas e sociais.

Contudo, durante o estudo dos 10 almanaques publicados nessa década, observou-se uma profusão de literários que contribuíram com suas edições, portanto novamente o recorte se faz essencial. O escritor escolhido para o processo analítico será Antônio Sales, por ter sido um literato fixo dentro do periódico e por se mostrar como um personagem

ímpar em relação ao seu contexto. Antônio Sales foi contra a corrente nacional literária da época, o modernismo e alcançou uma projeção nacional que se estende até a atualidade. Vale realçar que o literato em questão se destaca dos demais por ser o único que além de publicar seus poemas e contos também tece críticas culturais sobre produções locais e nacionais.

Almanaque do Ceará na década de 30

A década de 1930 começou com grandes mudanças para o país, pois foi quando ocorreu a Revolução de 30, a qual culminou na deposição do então presidente da República, Washington Luís e impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes. A crise das velhas oligarquias brasileiras foi um motivo essencial para a revolução, pois com o impacto da crise de 1929 o acordo da “Política do Café com Leite”, no qual políticos mineiros e paulistas se alternariam no mandato presidencial, foi desfeito por Washington Luís que resolveu apoiar o candidato, paulista como ele, Júlio Prestes.

Insatisfeitos com tal decisão, a oligarquia mineira lançou também seu próprio candidato, Getúlio Vargas, na chamada Aliança Liberal. Naquele ano, o candidato Júlio Prestes foi considerado vencedor das eleições, o que gerou um clima de tensão e de desconfiança no cenário político da época, com a oposição recusando-se a aceitar a validade das eleições, principalmente quando o vice João Pessoa, da Aliança Liberal, foi assassinado. Tal episódio serviu como estopim para que a oposição articulasse a Revolução de 30 e nomeasse Getúlio Vargas o novo presidente da República Federativa do Brasil.

Getúlio Vargas ficaria no poder por quinze anos, pois em 1937 deu um golpe de estado e fundou o regime político brasileiro chamado de Estado Novo, nesse período seu governo foi marcado por medidas de modernização do país, além da concentração de poder, nacionalismo, autoritarismo, anticomunismo, exacerbação do nacionalismo, populismo e marcado pela destituição das velhas oligarquias brasileiras e o fortalecimento da burguesia industrial.

O regime Vargas pôs fim à cultura política do período oligárquico da Primeira República (...). Uma minoria diminuta de brasileiros vivia confortavelmente. A imensa maioria vivia na pobreza. Havia milhões de brasileiros que não podiam comprar sapatos. Mas embora Vargas soubesse disso, sua era dizia respeito a política e economia, e não à condição humana.(LEVINE, 1998, p.17)

No Ceará, durante 15 anos, o estado foi governado por interventores do Governo Federal, os quais foram desde tenentes a novas oligarquias que se aliaram ao projeto de governo do presidente Vargas. A ação das Interventorias teve maior poder político no Ceará, em comparação a outros estados do sul do país, pois além da falta de estrutura partidária cearense forte, depois da chegada dos interventores, o engajamento no projeto político de Vargas significava para o Ceará a possibilidade de maior reconhecimento por parte do Governo Federal, tanto na área política quanto econômica, antes negada pelas velhas oligarquias da República Velha.

Segundo Frederico de Castro Neves (2001, p.110), “tratava-se de uma continuidade política com relação ao paternalismo oligárquico em suas formas mais elementares – a troca de favores, o beneficiamento pessoal – que se procurava restaurar num momento de ruptura da ordem institucional”. O que se pretendia era o maior favorecimento político e econômico de poucos, educação, por exemplo, não era um dos objetivos principais, visto que a maioria cearense continuou analfabeta.

O Almanaque do Ceará tratou a Revolução de 30 de forma positiva. Tal posição política é claramente definida em 29 páginas do almanaque de 1931, que além de declarar seu apoio a determinados grupos políticos, deixa claro quem são “os inimigos da democracia”. A Revolução de 30 é vista pelo impresso como o movimento que vai “salvar” a pátria, tirando-a de todas as mazelas sob as quais antigas forças políticas a submeteram. Carregando o título de “O Momento Histórico Brasileiro” pode-se observar o total apoio à revolução logo no primeiro parágrafo:

Ao sopro vivificante da Revolução, esboroou-se fragorosamente o castello político em que se enfeudára a autocracia republicana brasileira na ultima década. Desde 1922 que se estorcia desesperadamente a nacionalidade para se libertar do jugo odioso dos seus maus governos (...). E a Patria escravizada levantou-se, num ímpeto indomável, e derruiu a Bastilha Política. A Revolução, iniciada simultaneamente em todos os quadrantes do paiz, numa synchronização admirável de energias moças, na radiosa madrugada de 4 de Outubro de 1930, triumphou, em toda a plenitude, após vinte dias de luctas gloriosas. (ALMANAQUE DO CEARÁ, 1931, p.3)

A década de 30 foi um período de intensas mudanças, os choques ideológicos levavam a posições mais definidas e engajadas, os tempos não eram propícios para “meio termo” e o almanaque, como um periódico de ampla circulação, defendeu propagou suas convicções ao público leitor.

No que diz respeito à literatura, os acontecimentos dos anos 30 formava um campo favorável ao desenvolvimento de um romance marcado pelas denúncias sociais, por uma análise crítica da realidade. Iniciava-se a segunda fase do modernismo no Brasil, na qual prevaleceu o interesse por temas nacionais; o regionalismo com os problemas nordestinos da seca, migração, o vaqueiro, o trabalhador rural. Além disso, outras temáticas se destacaram como o romance psicológico, a relação entre o “eu” e o mundo, as inquietações sociais, religiosas e filosóficas. Na segunda fase modernista, o universo temático se amplia:

Com efeito, a opinião unânime dos estudiosos do Modernismo é que o movimento atingiu, durante o decênio de 30, sua fase áurea de maturidade e equilíbrio (...). Tendo completado de maneira vitoriosa a luta contra o passadismo, os escritores modernistas e a nova geração que surgia tinham campo aberto à sua frente e podiam criar obras mais livres, mais regulares e seguras. Sob esse ângulo de visão, a incorporação crítica e problematizada da realidade social brasileira representa um enriquecimento adicional e completo – pela ampliação dos horizontes de nossa literatura – a revolução na linguagem. (LAFETÁ, 2000, p.31)

Na seção literária do Almanaque do Ceará (1935, p.74), observam-se algumas críticas sociais, que podem ser resultado do período de reflexão social do modernismo. Exemplo disso é a poesia de Leão de Vasconcellos, Canto do Retirante “Vim de longe do nordeste seco e deshabitado... Vês? Os meus olhos estão enxutos e tristes Que nem lagrimas já têm para chorar Vim de muito longe”. Esse aspecto já não se verifica nas produções de Antônio Sales publicadas no Almanaque, as quais não se enquadram nesse movimento literário de críticas sociais. Sua participação literária no Almanaque do Ceará nos anos 30 deu-se por um outro viés.

Antonio Sales passou por vários grupos literários como ressalta Bóia (1984, p.87): e teve uma vasta produção, incluindo prosas, poesias, crônicas e um livro, o romance regionalista, Aves de Arribação.

Na mocidade, antes de sua primeira debandada rumo ao Rio de Janeiro, sua atuação junto a essas associações fizera-se marcante e animada, iniciando-se no Clube Literário, depois no Clube Educando Caixeiral, a seguir no Centro

Republicano, com passagens meteóricas pelos Clubes de Letras e Clube Americanista e com chegada final até à Padaria Espiritual. (BÓIA, 1984, p.87)

Dentre essas agremiações, a mais importante para Antônio Sales foi a Padaria Espiritual, tendo sido seu principal idealizador. Essa original agremiação literária foi idealizada no Café Java, um quiosque na Praça do Ferreira, e instalada no dia 30 de maio de 1892, na rua Formosa. Irônica, excêntrica e despreocupada, a Padaria Espiritual marcou a vida da capital cearense e ganhou fama no país, revolucionando a maneira de se pensar e fazer literatura. Dentre seus sócios estavam Adolfo Caminha, Rodolpho Theófilo, Antônio Bezerra, Eduardo Sabóia, entre outros grandes autores cearenses.

Através do jornal de 8 páginas, *O Pão*, de circulação dominical, a Padaria Espiritual contribuiu para a valorização da literatura cearense, divulgando-a e pregando o fim da exportação de idéias e costumes europeus, no Ceará. Ao completar 6 anos, a agremiação chega ao fim, tendo deixado 36 números de *O Pão*.

Antônio Sales colaborou em muitos jornais de todo Brasil e contribuiu para a organização da Academia Cearense de Letras. Dentre suas obras poéticas estão os livros *Versos Diversos*, *Trovas do Norte*, *Poesias*, *Minha Terra*. Nos seus 72 anos de vida, fez parte de várias associações culturais e políticas, sendo político, jornalista, poeta e romancista.

Na década de 30, com exceção dos anos de 1933 e 1934, o escritor contribuiu com um ou dois textos em cada edição do *Almanaque do Ceará*, com prosas, poesias, críticas literárias e reminiscências. No ano de 1930, Antônio Sales se retrata com o escritor Afranio Peixoto por não ter reconhecido antes sua importante contribuição literária para o Ceará. Esclarece que anteriormente o valorizava como professor e cientista, e não como literato, visto que antes tinha completa convicção, a qual chama de “semente do preconceito”, de que Afranio não era um bom escritor.

Ao longo de sua crítica literária, ressalta a qualidade dos romances escritos por Afranio Peixoto, dentre eles *Fruta do Matto*, *Maria Bonita* e *Esphinge*, dando destaque a maneira como eles conseguem captar a essência de cada lugar e da sociedade em que se passam, sejam aspectos da vida sertaneja ou urbana.

A vida rural da Bahia, com sua humanidade e sua paisagem, está patente em muitas e preciosas paginas de MARIA BONITA e de FRUTA DO MATTO. Em ESPHYNGE há a preocupação especial de pintar o meio mundano de Petropolis e do Rio, com sua aristocracia incipiente, eivada de snobismo, já viciosa e frequentemente grotesca. E louvemos a coragem moral desde escritor que tão denodadamente pinta a sociedade em que vive sem temer ressentimentos, traçando, com mão firme e honesta, perfis a que nós podemos oppor, sem hesitação e sem erro, nomes importantes e conhecidos. (SALES, 1930, p.17)

Antônio Sales também elogia como Afranio consegue enxergar a psicologia feminina, em seus romances, considerada uma tarefa difícil e desafio de grandes escritores como Shakspeare, Camões e Dickens. Afranio Peixoto constrói mulheres de variadas personalidades, tais como ingênuas, perversas, mórbidas, afetuosas e requintadas. Como se pode observar é uma crítica restrita a elogios.

Caboclos Repentistas é o nome do texto de Antônio Sales para a edição do Almanaque de 1931. Nele trata-se do nordeste, do sertão, dos cantadores que ao som da viola improvisam cantigas, um talento surpreendentemente, segundo ele, em sertanejos analfabetos. Antônio Sales elogia as habilidades desses repentistas e conta um suposto episódio envolvendo Dr. Caio Prado, ex-governador do Ceará. Os elogios que faz ao ex-administrador antes de contar a anedota, deixa implícita a relação de poder que possui um representante da elite política e econômica local, pois o chama de “homem superior” e “precioso homem de sociedade”. Além disso, tais elogios, a um político tradicional do Ceará, podem ser um indicativo da oposição de Antônio Sales em relação ao modernismo, tendo em vista que o movimento era de contestação por forma da arte e queria mudar as feições do Brasil tradicional.

O episódio é que certo dia, Caio Prado estava cavalgando com algumas pessoas e encontrou um repentista de fama da região, o qual ao improvisar uma cantiga no meio de todos, elogiou uma moça e cometeu erros de português, comuns a um sertanejo sem oportunidade de estudar.

O caboclo olhou para a moça, pensou um instante, repinicou na viola e cantou:

Os cabelos desta dona,

Quando se soltam do pente,

Dão um cacho *perfumado*

Do oiro o mais *incellente* !

O cantor teve uma ovação, e Caio repetia sempre com deleite essa quadra, cuja beleza deixo á apreciação dos competentes.(SALLES, 1931, p.256)

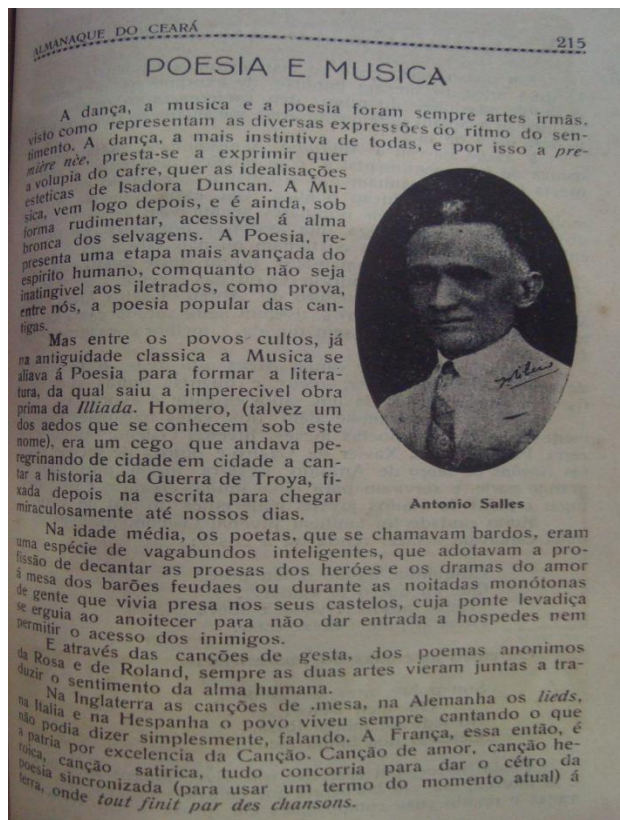


FIGURA 2- Almanaque do Ceará, Ano 1932, p. 215

Fonte: Arquivo Público do Ceará

Seguindo a ordem cronológica de suas publicações, em 1932, dois textos da autoria de Antônio Sales estão presentes no Almanaque do Ceará. O primeiro deles, com o título de Poesia e Música, fala da importância histórica da poesia e da música na cultura dos povos, da união dessas duas artes no Brasil e de escritores consagrados como, Gonçalves Dias, Casemiro de Abreu e Castro Alves, que tem seus versos cantados pelo Brasil. O texto termina com uma crítica ao modernismo, por ele ter destruído a poesia nacional, segundo o autor. Ele ainda afirma que tal corrente literária ao menos serviu para que o nacionalismo fosse valorizado e as canções estrangeiras fossem substituídas por sambas carnavalescos, por exemplo.

Catulo Cearense triunfa nos sações do Rio, e as meninas da alta roda desencandeiam o entusiasmo dos auditórios com as suas chulas de um falso sertanismo, preferível, em todo o caso, aos onbismo das romanzas e canções estrangeiras. Para alguma cousa havia de servir o movimento modernista, que anarquizou a poesia naciona, e, entre extravagancias sem nome, criou, entretanto, alguma cousa interessante e despertou o gosto pelas cousas brasileiras. (SALES, 1932, p.218)

Antônio Sales tem um lado parnasiano, de “arte pela arte”, de valorização das rimas, de metrificação rigorosa, que deixa claro em alguns textos do almanaque, como, por exemplo, as duas poesias publicadas em 1939, As duas cajazeiras e Os Inúteis. Nesta última há a descrição detalhada de um objeto inerte, que é o cata-vento. “Aquele catavento,/ Quer de noite ou de dia,/Roda e range, lesto ou lento,/ Só parando se vem a calmaria” (SALES, 1939, p.46) . No mesmo estilo poético, As duas cajazeiras possui todo o rigor métrico e o cuidado com as rimas, necessários a uma poesia parnasiana, sendo totalmente diferente do estilo livre modernista “Eram duas cajazeiras/Que havia perto da estrada, Ambas fortes, altaneiras,/De cascas muito eriçada”.(1939, p.46).

Nos anos de 1937 e 1938, são publicados textos seus de reminiscências, sobre a vida de duas personalidades admiradas pelo escritor, Valdemiro Cavalcanti e Graça Aranha e sua relação com elas. Ele rememora suas profissões, vida pessoal, acontecimentos importantes, bons e maus momentos divididos, no final os elogia, como podemos notar no último parágrafo ao falar sobre Graça Aranha:

E’ um nome, um grande nome que fica em nossas letras. Graça Aranha foi um dos raros de Ruben Dario. Foi um astro humano de luz própria que surgiu em nosso espaço mental, e, apagado agora pela morte, ainda deixará após si um sulco luminoso por onde nossos espíritos hão de busca-lo no infinito do pensamento e do sonho (SALES, 1938, p.38)

Graça Aranha foi um escritor e diplomata brasileiro, imortal da Academia Brasileira de Letras, além de ter sido considerado um autor modernista no Brasil e um dos organizadores da Semana de Arte Moderna. Nas reminiscências escritas por Antônio Sales, o autor também deixa claro que se opõe ao movimento modernista, que Graça Aranha ajudou a formar, e tenta justificar a participação do amigo nessa escola literária:

Isolado, pela morte, dos seus velhos amigos, com o espirito banhado num fluido perene juventude, nesta ultima fase de sua vida ele, se cercara dos moços e com eles participava desse espirito de renovação que o levou a assaltar, á frente da hoste modernista, a suposta Bastilha acadêmica, onde se presume que existe

encarcerada a liberdade de pensar ao lado da arte de escrever. (SALES, 1938, p.36-37)

Como escritor, Antônio Sales foca na arte, em boas construções frasais, em rimas bem feitas, elogios e boas lembranças. Denúncias sociais e críticas negativas não são prioridade, nos seus textos publicados no Almanaque do Ceará. Modificava constantemente seus versos, em busca de novos efeitos e visando a perfeição, foi um homem das letras e muito lamentou não poder ter vivido somente disso, infelizmente um escritor, naquela época, que não possuía outro emprego, fazia de imediato um voto de pobreza. Antônio Sales entreteve o público leitor do Almanaque do Ceará com seus belos textos, manteve o estilo literário em que acreditava, o que fez dele um escritor reconhecido e aclamado até hoje pelos cearenses.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Odailton. **Os Almanques e suas histórias**. In: O Riso da Mídia: O Barão de Itararé e seus Almanques- Os Almanques do Jornal A Manhã. São Paulo, 2006 v.1. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3046 . Acesso em 20 de Dezembro de 2010

ASSIS, Machado. **Como se Inventaram os Almanques**. In: MEYRER, Marlyse (Org.). Do Almanak aos Almanques. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BÓIA, Wilson. **Antônio Sales e sua época**. Fortaleza: BNB, 1984

CASANOVA, Vera de Carvalho. **Lições de almanaque: um estudo semiótico**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

COSTA CALIXTO, Adrielle. **Variiedades e Traços Jornalísticos no Almanaque Brasil de Cultura Popular**. In: X Conferência Brasileira de Folkcomunicação, 2007, Ponta Grossa. A Comunicação dos Migrantes: Fluxos Massivos, Contra-Fluxos Populares. Ponta Grossa : UEPG, 2007. v. 1. p. 1-1

CORRÊIA J. D. P.; GUERREIRO, M. V. **Almanaque ou a sabedoria e as tarefas do tempo** . In: Revista ICALP, vol. 6. p. 43-52, ago. /dez. Instituto Camões. Lisboa: 1986.

CRUZ, H. F. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana-1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa oficial SP, 2000.

DIAS, Débora. **Da tipografia às ruas: produção e circulação de almanques no Ceará fim-de-século**. Disponível em: < http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Debora_Dias.pdf >. Acesso em: 10/06/2012

FEREIRA, Jerusa Pires. **Almanaque**. In: MEYRER, Marlyse (Org.). Do Almanak aos Almanques. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

FERREIRA, V. R. C. **Almanach da Parnahyba: as memórias que ecoam das águas**. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2011, Maceió. Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2011.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: A crítica e o modernismo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [Et .al]. –5ª Ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEVINE, Robert M. **Pai dos pobres? o Brasil e a Era Vargas**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2002.

MARQUES DE MELO, José. **Sociologia da imprensa brasileira**. Petrópolis, Vozes. 1973

NEVES, Frederico de Castro. **Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n40/a06v2140.pdf> >. Acesso em: 20/06/2012

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. PROJETO HISTÓRIA: Revista de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981.

O MOMENTO HISTÓRICO BRAZILEIRO. Almanaque do Ceará, Fortaleza, 1931, p.3

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaque no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.

RIBEIRO, A. P. G. ; HERSCHMANN, M. . **História da comunicação no Brasil: um campo em construção**. In: Ana Paula Goulart Ribeiro e Micael Herschmann. (Org.). Comunicação e História: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, v. , p. 13-26.

SALES, Antônio. **Afranio Peixoto, o romancista**. Almanaque do Ceará, Fortaleza, 1930, p.17

SALES, Antônio. **Caboclos Repentistas**. Almanaque do Ceará, Fortaleza, 1931, p.256

SALES, Antônio. **Poesia e Música**. Almanaque do Ceará, Fortaleza, 1932, p.18

SALES, Antônio. **As duas cajazeiras**. Almanaque do Ceará, Fortaleza, 1939, p.46

SALES, Antônio. **Os inúteis**. Almanaque do Ceará, Fortaleza, 1939, p.46

SALES, Antônio. **Graça Aranha**. Almanaque do Ceará, Fortaleza, 1938, p.36-38

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD Editora LTDA, 1998